

Argumentação, ponto de vista e ironia em posts do perfil @desenhosdonando

Argumentation, point of view and irony in posts @desenhosdonando profile

Ananias Agostinho da Silva  

ananias.silva@ufersa.edu.br

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, RN, Brasil

Francisco Mailson de Lima Cavalcante  

ma_lima23@outlook.com

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, RN, Brasil

Maria Alice Almeida Sales do Nascimento  

alicesales.nascimento@hotmail.com

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, RN, Brasil

Resumo

Compreendendo a ironia como fenômeno textual-discursivo capaz de construir e direcionar a orientação argumentativa do texto, sendo uma ferramenta estratégica para engajar e persuadir o interlocutor, este artigo objetiva compreender o funcionamento argumentativo da ironia a partir de uma perspectiva enunciativa. Para isso, analisa posts do ilustrador brasileiro Nando Motta, publicados no perfil @desenhosdonando do Instagram, tendo como aporte teórico uma interface entre a Linguística Textual brasileira, sobretudo a partir de Cavalcante *et al.* (2022), Cavalcante, Brito e Faria (2023), Silva e Brito (2022) e Cavalcante e Brito (2024), a Teoria da Argumentação no Discurso, de Amossy (2008; 2011; 2018), e a Teoria da Enunciação de Rabatel (2010; 2012; 2016; 2021). A análise permitiu observar que a ironia atua como forte recurso de argumentatividade nos textos, crucial para direcionar o leitor para o percurso de sentido pretendido pelos locutores, aquele que se filia ao real PDV por eles assumido. Além disso, também demonstrou que a interpretação da ironia reclama fatores (con)textuais, interacionais e enunciativos, sem os quais não pode ser possível o seu reconhecimento.

Palavras-chave

Funcionamento Argumentativo; Ironia; Ponto de Vista.

Abstract

Understanding irony as a textual-discursive specificity capable of constructing and directing the argumentative orientation of the text, being a strategic tool to engage and persuade the interlocutor, this article aims to understand the argumentative functioning of irony from an enunciative perspective. To this end, it analyzes posts by the Brazilian illustrator Nando Motta, published on the Instagram profile @desenhosdonando, having as a theoretical contribution an interface between Brazilian Textual Linguistics, mainly from Cavalcante *et al.* (2022), Cavalcante, Brito and Faria (2023), Silva and Brito (2022) and Cavalcante and Brito (2024), the Theory of Argumentation in Discourse, by Amossy

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 03/12/2024

Aprovação do trabalho: 25/02/2025

Publicação do trabalho: 04/07/2025



10.46230/lef.v17i2.14574

COMO CITAR

SILVA, Ananias Agostinho da *et al.* Argumentação, ponto de vista e ironia em posts do perfil @desenhosdonando. **Revista Linguagem em Foco**, v.17, n.2, 2025. p. 7-29. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/14574>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

(2008; 2011; 2018), and the Theory of Enunciation by Rabatel (2010; 2012; 2016; 2021). The analysis allowed us to observe that irony acts as a strong argumentative resource in texts, crucial for directing the reader towards the path of meaning intended by the speakers, one that is affiliated with the real POV they reinforced. Furthermore, it was also demonstrated that the interpretation of irony requires (con)textual, interactional and enunciative factors, without which its recognition cannot be possible.

Keywords

Argumentative Functioning; Irony; Point of View.

"A ironia talvez fosse necessária à grandeza da alma".

Friedrich Wilhelm Nietzsche

Algumas considerações iniciais

A epígrafe que introduz este texto supõe uma carga axiológica positiva ao termo ironia, que contrasta com a maneira pela qual esse fenômeno linguageiro é avaliado pelo senso comum. De modo geral, não somente a ironia tende a ser mal vista, como também o sujeito que ironiza recebe frequentemente uma avaliação axiológica negativa, sendo rotulado de pessoa irônica e, por isso, antipatizado por seus interlocutores (Machado, 2014). Essa visão estereotipada pode decorrer da não coincidência entre o que é dito e o que é pretendido com o uso da ironia, o que pode gerar constrangimento algum no interlocutor, já que a sua *face é ameaçada* (Goffman, 2011) ao ser coagido a interpretar o enunciado conforme a isotopia esperada pelo locutor. Esse paradoxo que caracteriza o texto irônico impele o interlocutor a fazer um esforço intelectual para interagir satisfatoriamente com seu locutor (Machado, 1995) e assegurar uma interação pacífica.

Desvencilhamo-nos dessa perspectiva nada positiva da ironia para dizer que esse fenômeno linguageiro cumpre importantes funções discursivas no *circuito comunicativo* (Charaudeau, 2008) em que as interações se desenrolam. A propósito, Cavalcante, Brito e Faria (2023) advertem que a ironia não é necessariamente prejudicial em todas as interações. A depender do ambiente, do gênero, do propósito comunicativo, dos interlocutores e das relações entre eles, enfim, do contexto de uso, a ironia pode servir a diferentes funções no texto em que acontece. Entre elas, supomos que a ironia funciona como uma estratégia argumentativa que permite a persuasão ou mesmo exercer influência sobre os modos de ver e pensar do interlocutor. Perelman e Olbrecht-Tyteca (2006) já haviam reservado à ironia um caráter retórico ao considerá-la como um dos meios pelos quais se é possível argumentar pelo ridículo. Porém, tal como Cavalcante, Brito e Faria (2023) (2023), pensamos que a ironia não deve ser vista somente como figura de retórica, mas como um fenômeno textual-discursivo decisivo para o estabeleci-

mento da orientação argumentativa do texto, isto é, como importante estratégia de persuasão para influenciar o outro.

Além disso, se há, na ironia, uma dimensão argumentativa, é preciso reconhecer que a sua forma de construção denuncia sempre um ponto de vista. De certa forma, esse aspecto foi apontado por Brait (2008) ao caracterizar a ironia como processo discursivo que resulta da confluência de discursos, do embate dialógico de vozes ressoadas a partir de diferentes formações discursivas – daí seu caráter polifônico. Ainda que perfilhemos dessa abordagem, preferimos compreender a dinâmica enunciativa que se instaura na construção da ironia orientando-nos pelos trabalhos de Rabatel (2010, 2012, 2016) a respeito da noção de ponto de vista. Sua teoria parece superar um nível interdiscursivo dos enunciados para dar importância a aspectos linguísticos, semânticos e pragmáticos que também evidenciam os centros de perspectivas (pontos de vista) e a maneira como se hierarquizam nos textos. À vista disso, acreditamos que esse empreendimento potencializa uma análise textual da ironia, porque dispõe de dispositivos para o estudo da complexidade de sua dinâmica enunciativa.

À semelhança de Cavalcante, Brito e Faria (2023) e de Cavalcante e Brito (2024), a nossa filiação à Linguística Textual brasileira reclama um tratamento contextual da ironia, ou seja, a análise desse fenômeno deve sempre ter em conta a sua ocorrência na unidade de comunicação e de sentido em que acontece, o texto, que atualiza uma prática genérica contextualizada em um cenário que incorpora valores e crenças (Cavalcante, Brito e Faria, 2023). Sendo assim, neste artigo, apreendemos a ironia a partir de uma abordagem textual, que pretende perceber seu caráter retórico-argumentativo, isto é, seu uso enquanto estratégia mobilizada pelo locutor/enunciador tendo em conta a ação visada e o interlocutor que pretende alcançar. Para tanto, são colocados em cena pelo menos dois pontos de vista contraditórios, cuja conformação hierárquica é determinante para a orientação argumentativa do texto. Diversas estratégias de textualização materializam esses pontos de vista e instauram a ironia, como o jogo de redes referenciais que contrastam no texto e as relações intertextuais estabelecidas pelo locutor e pelo interlocutor.

É atentando para essas estratégias de textualização que buscamos compreender o funcionamento argumentativo da ironia em *posts* do ilustrador brasileiro Nando Motta, publicados no perfil *@desenhosdonando*, do *Instagram*. Interessa proceder com uma análise contextual da ironia que avalia a maneira como o locutor/enunciador inscreve os pontos de vista em um jogo enunciativo

que instaura um paradoxo argumentativo que a constitui. A partir disso, destacamos o caráter persuasivo da ironia, que, para além de uma estratégia retórica, constitui o próprio texto, integrando o projeto de dizer do locutor e a tentativa de influência sobre o interlocutor. Ao final, esperamos conseguir demonstrar que a análise da ironia reclama a consideração de vários fatores (con)textuais, interacionais e enunciativos, peremptórios para a sua interpretação e, por conseguinte, do próprio texto de que ela participa.

1 Argumentação

Ao longo dos anos, a argumentação tem sido objeto de investigação de diversas abordagens teóricas. Por isso, diferentes olhares epistemológicos têm admitido construir inteligibilidade a seu respeito. De modo geral, concebemos a argumentação a partir de uma perspectiva retórica que a pensa como operação discursiva por meio da qual um sujeito busca fazer o seu interlocutor aderir a uma tese ou uma opinião que lhe é racionalmente apresentada (Perelman; Olbrecht-Tyteca, 2006). A esse respeito, Cabral (2011, p. 13) nota que, nas interações cotidianas de que participamos, sempre “desejamos exercer influências sobre os nossos interlocutores, desejamos obter sua adesão, convencê-los de nossos pontos de vista, persuadi-los a fazer alguma coisa”. A influência sobre o outro é exercida por meio do discurso, do que decorre ser a argumentação uma operação discursiva – ou um tipo de esquematização discursiva, nos termos de Grize (2004). O discurso, de acordo com Amossy (2008, p. 232), “comporta a sua própria situação de enunciação e realiza uma verbalização singular da tese ou ponto de vista proposto ao auditório”. Logo, a análise do funcionamento argumentativo de um discurso não pode prescindir do contexto em que foi produzido.

É, pois, nesse sentido que, conforme Padilla, Douglas e Lopez (2011, p. 20), em uma situação de interação argumentativa, “no sólo importa aquello sobre lo cual se argumenta (objeto de discusión) sino también quiénes argumentan (interlocutores), con qué intenciones y en qué contextos lo hacen”. Esses elementos interacionais impactam fortemente na argumentação e no tipo de influência exercida sobre a opinião, atitude ou o comportamento do interlocutor. Conforme complementam as autoras:

no sólo importa saber cuál es el tema y recordar un cierto número de informaciones; cobra mucha importancia saber quién escribe el texto (enunciador), desde qué postura lo hace (punto de vista o tesis), cómo sostiene esa postura (razones o argumentos), para qué (propósito) y para quién lo

escribe (destinatario), en qué contexto histórico, social y cultural lo escribe, con quién comparte su postura (argumentos de autoridad), con quién no comparte su posición (tesis y argumentos adversos) (Padilla; Douglas; Lopes, 2011, p. 13).

Tem sido também essa a perspectiva adotada pela Linguística Textual brasileira para a análise do funcionamento argumentativo dos textos. Segundo Cavalcante *et al.* (2019), ainda que a Linguística Textual não teorize necessariamente sobre a argumentação, ela a inclui como pressuposto inegável, como motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual. As escolhas textuais que opera o sujeito na organização do texto são motivadas por essa tentativa de exercer alguma influência na opinião ou na atitude de seu interlocutor, do que decorre o caráter argumentativo de todo texto. De fato, nessa perspectiva, todo texto é argumentativo em alguma medida, já que, de um ponto de vista configuracional, mas também textual e discursivo, as escolhas operadas pelo locutor são sempre motivadas por uma orientação argumentativa (Silva; Brito, 2022).

Em alguns casos, essas escolhas podem ser realizadas conscientemente, quando o locutor tem a intenção deliberada de persuadir o outro. É o que ocorre em textos chamados de prototipicamente argumentativos, como o artigo de opinião ou o editorial. Há, nos textos desses gêneros, uma *visada argumentativa*, uma *estratégia de persuasão programada* (Amossy, 2011), isto é, sua configuração é estrategicamente elaborada pelo locutor em torno de uma tese ou opinião para a qual pretende conquistar a adesão do interlocutor. Mas mesmo quando o locutor não tem a intenção explícita de influenciar o outro, ainda assim as estratégias que ele aciona podem alcançá-lo de forma indireta, ou seja, mesmo que o seu objetivo não seja persuadir o interlocutor, acaba por exercer sobre ele alguma influência, porque, indiretamente, a organização do seu texto o encaminha para certo sentido – donde se supõe que todo texto apresenta uma *dimensão argumentativa* (Cavalcante *et al.*, 2022).

Nessa perspectiva, sendo a argumentação constitutiva de todo texto, é possível falar de graus de argumentatividade, no sentido de que os textos são argumentativos em diferentes níveis. Logo, a depender de fatores pragmáticos, interativos, enunciativos, como o propósito comunicativo, o gênero do discurso, a modalidade argumentativa, as estratégias agenciadas pelo locutor para a elaboração de sentidos que satisfaçam ao seu projeto de dizer, dentre vários outros, o texto pode ser mais ou menos argumentativo (Silva; Faria; Brito, 2020).

Ainda que pensando especificamente em textos de visada argumenta-

tiva, Padilla, Douglas e López (2011) sistematizam a análise da argumentação de um texto a partir de três níveis diferentes: pragmático, global e local. O primeiro nível refere-se ao contexto, à situação comunicativa imediata, aos interlocutores, aos papéis sociais que ocupam, aos seus valores sociais e individuais etc. A propósito, Cavalcante *et al.* (2019, p. 100) explicam que “um locutor só enuncia em relação a crenças e valores de uma sociedade, a partir dos quais ele se coloca. É por isso que todo texto supõe pontos de vista, em função dos quais estratégias argumentativas são negociadas”. Logo, dessa perspectiva pragmática, importa notar a estreita relação que há entre a argumentação e o contexto comunicativo em que ela se institui. Cavalcante *et al.* (2022) lembram que, sendo o texto uma unidade de sentido em contexto, incorpora não só elementos da situação imediata de comunicação, mas também todo o contexto social e histórico necessário para que os participantes negociem significados e se comuniquem efetivamente. Sendo assim, todos os aspectos atinentes à interação influenciam na maneira como se estabelece a persuasão do interlocutor.

A análise da argumentação em nível global abarca sua organização estrutural. Apesar de poder apresentar diferentes modos de organização, o discurso argumentativo sempre atualiza um problema (objeto de discussão) a partir do qual o locutor/enunciador elabora uma tese e busca sustentá-la com base em premissas, argumentos que permitem levar a uma dada conclusão (Padilla; Douglas; López, 2011).

No nível local, devem ser observadas as estratégias discursivas agenciadas pelo locutor/enunciador para inscrever o seu ponto de vista no texto, a tese defendida por ele, mas também se examina como estabelece o diálogo com pontos de vista alheios, com os quais concorda ou dos quais se afasta (Padilla; Douglas; López, 2011). Para as autoras, uma variedade de recursos pode assinalar este nível de análise argumentativa. Para nós, aspectos relativos ao funcionamento do ponto de vista podem ser observados a partir da perspectiva desenvolvida por Alain Rabatel, de que tratamos no tópico seguinte.

2 Ponto de vista

Foi com inspiração na teoria polifônica de Ducrot e na noção de dialogismo de Bakhtin que Alain Rabatel (2016, p. 19) questionou “a unicidade e a homogeneidade do sujeito, ao levar em conta as vozes e os PDV¹ que atravessam a fala

1 Utilizamos a sigla PDV (Ponto de Vista) conforme empregada por Rabatel (2016; 2021), em suas discussões sobre a teoria enunciativa e interacionista da narrativa.

do locutor” e propôs a noção de *Homo Narrans* (o homem que narra), “o homem com mil pontos de vista, que sabe empatizar seus personagens e simpatizar com eles, para o maior proveito de seu auditório” (Rabatel, 2016, p. 24), aquele que sabe integrar as diferentes vozes e perspectivas que povoam um texto, percebendo, inclusive, que a sua voz é atravessada por diversas outras. Essa dinâmica não é percebida apenas em textos narrativos, já que pontos de vista são encontrados em todos os tipos de textos, dos mais variados gêneros, seja de maneira explícita ou não.

Se o *homo narrans* é o sujeito que inscreve e/ou administra os pontos de vista de um texto, é imperativo definir a própria noção de ponto de vista, o que não é uma tarefa simples, porque o termo suscita diferentes acepções, que recobrem desde a percepção visual do mundo físico à expressão de uma opinião. Na crítica literária, a ideia de ponto de vista foi empregada para referir a um centro de perspectiva narrativo a partir do qual os fatos são contados. É nesse sentido de focalização que se fala em ponto de vista do narrador ou ponto de vista do personagem. Forçando um alargamento dessa acepção, mas sem desconsiderar aquelas atinentes à percepção e à representação mental, Rabatel (2010, 2012, 2016, 2021) se propôs a concebê-la a partir de uma abordagem enunciativa e pragmática, em que o ponto de vista é percebido “pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, quer o sujeito seja singular ou coletivo”.

Dessa forma, o autor entende o ponto de vista como um fenômeno enunciativo acarretado de subjetividade e julgamento de valor, resultado de uma perspectiva adotada por um sujeito singular ou por um coletivo. Nessa direção, “ter um ponto de vista é ter uma posição sobre um determinado objeto, mesmo que essa possa estar velada no enunciado. O objeto pode ser um personagem, uma situação, uma noção ou até um acontecimento (Rabatel, 2016) que é pauta de determinado ato enunciativo” (Cavalcante, 2024, p. 35). Esse objeto é sempre um objeto de discurso, e é no e pelo discurso que o sujeito lhe constrói e que também se constrói enquanto sujeito ao exprimir o seu ponto de vista. A expressão do ponto de vista pode ocorrer tanto diretamente por comentários explícitos, como também indiretamente, pela própria referência dos objetos de discurso, isto é, pela maneira como são (re)categorizados nas redes referenciais construídas no texto.

Na constituição desse sujeito, o *homo narrans*, Rabatel (2010, 2012, 2016, 2021) distingue duas instâncias igualmente importantes: a do *locutor* e a do *enun-*

ciador. Para ele, o locutor “é a instância que profere um enunciado (nas dimensões fonéticas e fáticas ou escriturais), conforme um posicionamento dêitico ou conforme um posicionamento independente de *ego*, *hic et nunc*” (Rabatel, 2016, p. 82). Em outras palavras, o locutor é aquele que assume o discurso em dado momento, através de um posicionamento que marca a pessoa, o tempo e o espaço (Cavalcante, 2024). O emprego dessas categorias funciona situando quem diz, para quem diz, sobre o que diz e qual posição é assumida ao dizer (Cavalcante et al., 2022). O enunciador, por sua vez, é aquele responsável pelo ponto de vista, isto é, “aquele que está na fonte do enunciado, a voz responsável pelo PDV de origem expressado pelo locutor propriamente dito” (Cavalcante, 2024, p. 32). Ele pode ser descrito como sendo uma espécie de posição (enunciativa) adotada pelo locutor para considerar o objeto de determinado ponto de vista. É a partir dessa instância que o conteúdo proposicional do enunciado é organizado de modo a exprimir o ponto de vista assumido sobre o objeto.

Ainda que se trate de instâncias diferenciadas, elas podem estar em sincretismo. Na verdade, Rabatel (2016) coloca que todo locutor é um enunciador (é o que o autor denomina de locutor/enunciador²) porque ele sempre possui um dado ponto de vista. Mas o contrário não é sempre verdade, ou seja, nem todo enunciador é um locutor, uma vez que, para o ser, é necessário que ele tenha posse da voz, de fato, em um determinado tempo e momento. Sendo assim, um texto sempre terá um locutor/enunciador primeiro (L1/E1)³, a instância que assume a responsabilidade enunciativa (PEC) pelo conteúdo proposicional do enunciado e que responde pragmaticamente por ele ou que a atribui a outrem, mas poderá também ter outros enunciadores-segundo (e2) ou até mesmo outros locutores/enunciadores segundo (I2/e2). Os e2 são responsáveis por um ponto de vista, mas não têm uma voz explícita no texto, por isso L1/E1 lhes empresta a sua; já os I2/e2, além de se responsabilizarem pelo ponto de vista (ainda que se trate aqui de uma quase PEC, porque seu ponto de vista aparece como uma espécie de discurso citado), têm sua voz explicitada no texto.

Um ponto de vista pode aparecer no texto sob três estados: o representado, o narrado e o assertado (Rabatel, 2016). O primeiro deles, representado, é aquele em que um L1/E1 expressa, ainda que não necessariamente por marcas

2 O sinal gráfico barra sugere o sincretismo entre as duas instâncias Locutor e Enunciador. Essas duas instâncias são grafadas, neste trabalho, com iniciais maiúsculas, em consonância com Rabatel (2016).

3 O L1/E1 é o principal locutor do texto: aquele que gerencia os PDV dos demais enunciadores e os outros (possíveis) locutores.

explícitas, o ponto de vista de um e2, mas o faz a partir de seu lugar de L1/E1, isto é, ele remete percepções ou posicionamentos de outra fonte enunciativa, mas a partir de sua própria percepção – trata-se, por isso, de uma representação, pelo que L1/E1 “se distancia e não assume a responsabilidade pelo que diz” (p. 37). No segundo tipo, o narrado, L1/E1 mobiliza explicitamente um ponto de vista a partir do qual objeto é apresentado, apontando o enunciador responsável por ele, ou seja, os fatos são apresentados por L1/E, mas a partir da perspectiva de um e2. No ponto de vista assertado, o terceiro, o locutor/enunciador é a própria origem da percepção, ou seja, seu posicionamento, quer de maneira explícita, por comentários, quer por outros recursos semióticos, é expresso no ponto de vista. Em situações como essa, locutor e enunciador coincidem, pois sua fala é explicitamente mencionada para ganhar certa confiabilidade (Cavalcante, 2024).

A dinâmica de entrelaçamento desses pontos de vista no texto não é tão simples e parece revelar muito mais do que mera alternância de vozes. Trata-se muito mais de: “un jeu interactionnel de positionnement par rapport aux autres, avec les profits qui lui sont associés” (Rabatel, 2012, p. 63). Nesse jogo, a maneira como L1/E1 hierarquiza os pontos de vista ao apresentá-los no texto tem implicações na construção dos sentidos e é determinante da orientação argumentativa pretendida. Rabatel (2010, 2012, 2016, 2021) compreende essa dinâmica em termos de posturas enunciativas, que se refere à maneira como L1/E1 se posiciona no texto em relação aos demais enunciadores com os quais ele dialoga. De modo geral, as posturas apontam o caráter polifônico e dialógico dos pontos de vista e podem ser mais refinadamente analisadas considerando variações de relação de concordância e/ou de discordância entre os enunciadores. Rabatel (2015) reconhece três tipos de posturas:

a) Coenunciação: coprodução de um ponto de vista partilhado por L1/E1 e e2 – a construção interacional de um ponto de vista comum a esses dois enunciadores, que se engajam em acordo.

b) Subenunciação: coprodução desigual de um ponto de vista dominado pelo e2, do qual L1/E1, subenunciador, retoma, porém com precaução, geralmente assinalando distância para marcar que esse ponto de vista é de outrem e não seu.

c) Sobre-enunciação: coprodução desigual de um ponto de vista no qual sobressai a perspectiva de L1/E1, que reformula o ponto de vista, parecendo dizer a mesma coisa, contudo modificando a seu favor o domínio de pertinência do conteúdo ou de sua orientação argumentativa (Rabatel, 2015, 2021).

As diferentes formas pelas quais esse jogo de posicionamentos se estabelece no texto influencia fortemente a maneira como ele é organizado, pois a hierarquização dos pontos de vista e a maneira como o L1/E1 se relaciona com os demais enunciadores do texto constitui uma parte importante da trama argumentativa, orientando o interlocutor para uma ou outra direção. Uma questão ainda não fechada diz respeito à vinculação de preferência por dada postura enunciativa quanto ao gênero do discurso, estilo do autor, ao objetivo de comunicação pretendido, funcionando como uma estratégia de persuasão intencionalmente empregada, enfim, à própria prática languageira que o texto realiza.

3 Ironia

Muito já foi dito a respeito do fenômeno languageiro da ironia. Desde Platão, ela tem inquietado pensadores e pesquisadores de maneiras muito diferentes. Não há espaço e nem temos a pretensão de aqui construir um estado da arte, nem tampouco acrescentar alguma novidade sobre o fenômeno em si. Entretanto, parece ser uma inovação a perspectiva adotada pela Linguística Textual brasileira que percebe a ironia como fenômeno textual-discursivo decisivo para o estabelecimento da orientação argumentativa do texto, sendo crucial para a sua análise considerar aspectos contextuais, interacionais e enunciativos. Dado seu caráter interdisciplinar, a Linguística Textual incorpora conceitos emprestados de diferentes teorias para apreender o texto em sua complexidade. É sob sua perspectiva que firmamos um diálogo com a teoria enunciativa e interacionista do ponto de vista de Rabatel (2010, 2012, 2016) para observar o funcionamento argumentativo da ironia.

Tal qual defendem Cavalcante, Brito e Faria (2023), Rabatel (2010, 2012, 2016) também explica que não se pode reduzir a ironia a uma figura de linguagem ou pensamento ou a um tropo limitado à antífrase. Ainda que não se possa refutar a inversão como traço semântico típico da ironia, ela não pode ser restrita à pura oposição de significados, pois seu uso traz implicações que afetam o texto como um todo e a recepção do interlocutor. Por isso, a análise da ironia reclama considerar o contexto amplo em que se desenvolve a interação de que resulta o texto, isto é, levar em conta os participantes, suas intenções, os papéis sociais que ocupam, a situação comunicativa imediata, o contexto social e histórico, o gênero que realiza o texto, enfim, toda a unidade de sentido em contexto. A necessidade de uma análise contextual é referida por Rabatel (2012) quando diz que a ironia se apoia em uma gama ampla de dispositivos e exige uma compreensão do contex-

to para ser adequadamente interpretada.

Sem ignorar o arranjo sintático da ironia, sobretudo quando se trata de textos verbais, Brait (2008) reconheceu que a sua produção se dá no nível do discurso, por isso "devendo ser descrita e analisada da perspectiva da enunciação", (p. 96). Para Berrendonner (2011), na ironia é instaurado um duplo jogo enunciativo, que dá forma ao paradoxo argumentativo nela constituído. Para além de mera inversão de significados, a ironia joga com dois pontos de vista, duas perspectivas contrapostas. É a essa concepção enunciativo-pragmática da ironia baseada na complexidade de pontos de vista em confronto que se filia Rabatel (2010, 2012). De acordo com o autor, "l'énonciateur ironiste feint de partager un PDV en le (sur) jouant– y compris en jouant le sérieux– afin que les destinataires (cible ou destinataires additionnels) ne prennent pas au sérieux le PDV (PDV1) simulé" (Rabatel, 2012, p. 53). Como uma teatralização, entram em cena dois pontos de vista: o conteúdo proposicional do enunciado explicita o PDV1, simulado pelo enunciador, mas há também um PVD2 implícito, que corresponde à perspectiva de fato assumida por ele. A esse respeito, temos:

Il feint de penser X (= PDV1), mais la mise en scène décalée de sa formulation (avec ses marques intonatives, mimo-gestuelles, ses choix de formulation, l'impertinence de sa co(n)textualisation) invite à interpréter X en un sens dissonant ou opposé, autrement dit X' (= PDV2), pour mieux moquer ceux qui pensent X (Rabatel, 2012, p. 43).

Conforme o autor, nesse duplo jogo de pontos de vista, o PDV irônico é inicialmente objeto de uma suposição fingida do PDV1, antes de o enunciador implicitamente fazer ouvir o seu verdadeiro ponto de vista, o PDV2, avaliado como sendo mais relevante que o PDV1. Logo, ainda que esses dois pontos de vista se concretizem no mesmo conteúdo proposicional, já que são as mesmas palavras, todavia as expectativas, as consequências interpretativas e argumentativas não são (Rabatel, 2010). Há correspondência sintática e semelhança semântica, mas esses dois pontos de vista são assinalados por uma diferença pragmática e argumentativa que permite reconhecê-los como pontos de vista distintos. E são diversos os traços que podem marcar os limites entre eles, o que inclui indícios de natureza linguística, como as perguntas retóricas, uso do diminutivo, de adjetivações, do grau superlativo (Wick-Pedro; Vale, 2020), mas também elementos retórico-figurativos, como a hipérbole, a metáfora etc. (Machado, 2014), assim como aspectos prosódicos da situação comunicativa imediata, como entonação, expressão facial, gesto etc.

É nessa mesma direção que Cavalcante, Brito e Faria (2023) afirmam que a ironia pode ser analisada como um jogo de duas redes referenciais que conflitam em um texto. Elas podem até ser materializadas pelas mesmas palavras e expressões linguísticas (no caso de textos verbais) ou marcas icônicas (textos não verbais), mas o modo como os objetos de discurso são construídos e se conectam nessas redes referenciais é significativamente diferente. Rabatel (2012) também sinaliza a importância da referenciação ao reconhecer que é por meio dessa operação que um locutor/enunciador exprime o seu ponto de vista, bem como do fato de que a ironia pode ser indicada pelo uso de uma palavra ou por uma rede de termos ou de expressões cujo sentido deve ser reconstruído. Essas duas redes referenciais desenham trilhas que levam a percursos isotópicos opostos e impossíveis de conviverem pacificamente por muito tempo sob a mesma fonte enunciativa.

Por isso, L1/E1 tenta tornar visível uma natural distância entre o seu real ponto de vista, o PDV2, e o ponto de vista que busca ironizar, o PDV1, que, mesmo sendo inicialmente apresentado como seu, não é definitivamente assumido por ele. Daí se tratar sempre de uma simulação de concordância com o PDV1, embora somente como estratégia do jogo enunciativo construído na ironia. A contradição parece se estabelecer exatamente porque os dois pontos de vista compartilham da mesma fonte enunciativa, o que ocorre apenas por um tempo (Rabatel, 2012). L1/E1 encena a assunção do PDV1, mas é uma responsabilidade fingida (PEC fingida, nos termos do autor) e instantânea. O teatro é reconhecido quando o real ponto de vista de L1/E1, o PDV2, pelo qual ele assume efetivamente a responsabilidade enunciativa, é identificado pelo interlocutor.

Nesse ponto, cabe notar o papel privilegiado do interlocutor no reconhecimento da ironia. Hutcheon (2000) prefere chamar de interpretador o sujeito que identifica uma ironia, sob a alegação de que nem sempre é o interlocutor direto (aquele a quem a ironia é dirigida) que a capta. A interpretação pode reclamar certos conhecimentos partilhados, o conhecimento de certos marcadores contextuais sem os quais não é possível perceber a ironia. Por isso, ela pode ser interpretada por um terceiro, um participante indireto que pode ser já considerado por L1/E1 ou não – quando o texto, e, por extensão, a ironia alcança o terceiro mesmo à revelia do locutor/enunciador, como pode ocorrer em postagens de redes sociais, por exemplo. Rabatel (2012, p. 55) ratifica a importância do interlocutor como interpretador da ironia ao observar que, sobretudo o PDV2, por estar mais implícito no texto, “precisa ser reconstruído por inferências da discrepância ou da

sensação de inadequação entre o enunciado e o contexto ou entre o enunciado a realidade/situação, ou da discrepância entre o que a pessoa diz e o que se sabe sobre ela” – o *ethos* atual versus o *ethos* passado (Machado, 2014).

Além disso, a ironia nem sempre é muito facilmente localizável. Grosso modo, ela aparece situada em uma porção específica do texto, sendo disparada a partir de uma palavra ou expressão central da proposição que a engatilha. Mas, em alguns casos, pode ser disseminada em diferentes porções do texto, e aí o seu reconhecimento requer maior perspicácia do interpretador, porque demanda a capacitação de diversas pistas deixadas pelo locutor/enunciador no texto. Conforme Rabatel (2012), nesses casos, o interlocutor deve reunir os fragmentos irônicos que se desenrolam ao longo do texto irônico em uma meta-predicação (PDV1) antes de contrapô-los com um PDV2 que corresponda mais de perto ao modo de ver do ironista. Tem importância fundamental nesse processo a forma como o texto se encontra retoricamente organizado, bem como o conjunto de estratégias de textualização acionadas pelo locutor/enunciador para inscrever de maneira difusa sua ironia.

Na interpretação do complexo jogo enunciativo de pontos de vista característico da ironia, importa ainda considerar como L1/E1 se posiciona em relação aos pontos de vista convocados, o que é descrito por Rabatel (2010, 2012, 2016) em termos de posturas enunciativas. Para esse autor, a relação de oposição que distingue os dois pontos de vista engatilhados pela ironia se explica pela assunção de uma postura de sobre-enunciação na hierarquização desses pontos de vista pelo locutor/enunciador primeiro. O PDV1 é falsamente colocado pelo locutor/enunciador primeiro, porém, ao final, dele se afasta, atribuindo-lhe a um enunciador segundo. Portanto, trata-se de uma coprodução desigual do ponto de vista, de uma concordância discordante, nos termos do autor, porque esse ponto de vista é logo reformulado pelo locutor/enunciador primeiro para modificar o domínio de relevância do conteúdo proposicional do enunciado, isto é, a orientação argumentativa do texto em seu próprio benefício – o PDV2 (Rabatel, 2010, 2012). Ao modificar o domínio de pertinência da proposição, parecendo dizer a mesma coisa que o PDV1, mas com sentido radicalmente oposto, o locutor/enunciador primeiro redireciona a argumentação do texto para a perspectiva que lhe é mais agradável, o que impacta diretamente na persuasão do interlocutor.

Portanto, em termos enunciativos, o funcionamento do fenômeno da ironia pode se caracterizar pela confrontação de pontos de vista (PDV1 e PDV2) articulada a uma postura de sobre-enunciação. É também isso que tentamos apon-

tar na parte seguinte, a análise dos dados.

5 Análise dos dados

Discutidos os conceitos basilares desse trabalho, importa agora demonstrar, com base no exame de textos concretos, como se constrói o dinâmico jogo de pontos de vista instaurado na ironia. Para isso, procedemos com uma análise contextual desse fenômeno linguageiro, o que implica considerar não apenas o texto em que a ironia acontece, mas também a situação de comunicação. Ainda que priorize a dimensão enunciativa, já que pretende apontar como a ironia direciona a orientação argumentativa do texto, no sentido de engajar e persuadir o interlocutor, a análise considera os três níveis apontados por Padilla, Douglas e López (2011). O primeiro texto é apresentado na Figura 1, logo a seguir:

Figura 1 - Post 01



Fonte: perfil do Instagram @desenhosdonando.

O texto 01 trata de um post com charge publicado no perfil @desenhosdonando em colaboração com o perfil do jornal independente @brasil_247, em 01 de agosto de 2024, e tematiza a eleição presidencial na Venezuela, ocorrida em 28 de julho de 2024. A eleição foi marcada por inúmeras polêmicas, decorrentes do questionamento dos seus resultados pelo candidato da oposição Edmundo Gonzáles (PDU), notado em pesquisas como preterido à vitória, mas der-

rotado pelo então presidente Nicolás Maduro (PSUV), que controlava o Conselho Nacional Eleitoral e reprimia a oposição política. Diversos líderes e organizações mundiais desconhecaram o resultado da eleição e a legitimidade da vitória de Maduro. Em particular, os Estados Unidos aplicaram sanções comerciais ao país e formalizaram denúncia ao Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA). Em um primeiro plano, a charge coloca precisamente em cena essa preocupação dos Estados Unidos com a democracia venezuelana, o que se percebe pelo tom assertivo do enunciado verbal atribuído ao personagem, como também pelo arranjo visual representativo de um ato de vigilância pelo então presidente do país, Joe Biden (PD).

No entanto, a atitude é logo colocada em suspenso a partir de pistas e evidências textuais, como a expressão facial, a inclinação corporal do personagem e as imagens de barris de petróleo nas lentes do binóculo que usa, isto é, de como esse objeto de discurso é construído. Esses elementos são indícios do caráter irônico do texto ao sugerirem o real interesse do país norte-americano pela Venezuela, suas reservas de petróleo. O mesmo pode ser dito a respeito do sinal de exclamação ao final da frase “Estamos preocupados com a democracia na Venezuela!”. Ainda que esse sinal não coincida necessariamente com a ironia, nesse caso indicia o sentido irônico do texto. Todos esses elementos são caracterizados por Huchtheon (2000) como marcadores textuais do contexto fundamentais ao reconhecimento da ironia pelos participantes de uma interação. Esse ponto de vista parece ser confirmado pela descrição verbal exibida ao lado do post pelo próprio usuário do perfil @desenhosdonando: “Se a Venezuela não tivesse as maiores reservas de petróleo do mundo, duvido que essa preocupação toda estaria rolando”.

Logo, na charge do *post*, instaura-se um jogo entre o dito e o não dito – o pretendido. Ainda que o sentido literal do enunciado verbal aponte para uma possível preocupação dos norte-americanos com a democracia venezuelana, diversos marcadores textuais sinalizam para outra perspectiva, que avalia negativamente essa posição, já que se desconfia da probidade do governo norte-americano. Sendo assim, em uma leitura de base enunciativa, no conteúdo proposicional do enunciado produzido por L1/E1, podem ser percebidos dois pontos de vista conflitantes: o PDV1 – os Estados Unidos estão, de fato, preocupados com a democracia da Venezuela, que parece estar comprometida com a interferência direta do governo no pleito eleitoral; e o PDV2 – os Estados Unidos, na verdade, estão preocupados apenas com as reservas de petróleo da Venezuela, que pode se

tornar um potencial fornecedor do produto para o país. Ainda que paradoxais, os dois pontos de vista têm, de início, a mesma fonte enunciativa, o L1/E1. Num primeiro plano isotópico, L1/E1 finge assumir o PDV1, mas, considerando todo o conjunto de indícios contextuais, afasta-se rapidamente desse ponto de vista para inscrever o PDV2, que, de fato, assume como seu e espera que os interlocutores façam essa leitura.

Para além dos aspectos multissemióticos já mencionados, também os elementos sociocognitivos são acionados na interpretação do PDV2 como ponto de vista legítimo do L1/E1, o que se faz a partir de relações interdiscursivas e intertextuais. No caso, reconhecer o posicionamento político do perfil @desenhosdonando, de responsabilidade do chargista, cartunista e ilustrador brasileiro Nando Motta, o que pode ser feito pela consideração do conjunto de suas postagens, bem como através de informações disponibilizadas no próprio ambiente digital, como a biografia do perfil (charges pela democracia), ou pela vinculação de L1/E1 com outros veículos midiáticos de esquerda, como o jornal *Brasil 247*, é também estratégia interpretativa que permite ao interlocutor captar a ironia. Como advertiram Perelman e Tyteca (2006), a ironia tem um vínculo com o social, isto é, diversos elementos da situação comunicativa podem ter implicações no funcionamento da ironia.

De igual maneira, ter conhecimento a respeito da hegemonia dos Estados Unidos e da influência política, econômica, militar e cultural que esse país exerce em decisões e conflitos travados por outros líderes ou nações mundiais também é necessário para que a ironia seja interpretada. Hutcheon (2000) esclarece que a interpretação da ironia reclama conhecimentos que ao menos se supõe partilhados entre o locutor e o interlocutor, quer dizer, certas *zonas de contato* (Hutcheon, 2000), independentemente da assimetria de suas posições – uma espécie de acordo prévio, o ponto de partida de toda argumentação (Perelman; Tyteca, 2006).

Por todas essas razões, dizemos que o PDV2 se sobressai em relação ao PDV1. L1/E1 hierarquiza esses pontos de vista a partir de uma postura de sobre-enunciação, em que se afasta do PDV1 para fazer valer o PDV2. E é nesse conflito entre eles que reside a ironia, direcionada não só para os norte-americanos, mas, sobretudo, aos usuários que se identificam com o PDV1 e que passam a assumir a sua responsabilidade enunciativa. O afastamento de L1/E1 é ratificado pela descrição do *post*, que amplia esse texto, o que é possibilitado pela própria configuração do ambiente digital. A essa altura, é presumível que o interlocutor já

tenha captado a ironia e perceba a aderência de L1/E1 ao PDV2. Na descrição, ele apresenta uma premissa sobre a qual se sustenta o seu ponto de vista: “Se a Venezuela não tivesse as maiores reservas de petróleo do mundo, duvido que essa preocupação toda estaria rolando”. Mas há, aqui também, certo efeito de sentido irônico, que acentua a ironia antes construída, acrescentando um tom sarcástico. O sarcasmo é particularizado pelo seu tom mordaz ou zombeteiro, utilizado para expressar desprezo, desdém ou crítica de maneira agressiva ou insultante (Cavalcante; Brito; Faria, 2023), o que é percebido pelo emprego da expressão referencial anafórica “essa preocupação toda”.

Notamos que, além de se afastar do PDV1, de certa forma, L1/E1 o desqualifica, na tentativa de influenciar os interlocutores a aderirem ao PDV2. De fato, sua intenção é direcionar a orientação argumentativa do texto para o PDV2, conforme se percebe pelos recursos linguísticos, mas também pelos elementos não verbais acionados por L1/E1. Mas essa estratégia gera alguma polêmica entre os usuários que acessam o perfil. Os comentários que se seguem à postagem apresentam aderência ao PDV1 ou ao PDV2, avaliando a ironia positiva (“esta charge faz sentido”) ou negativamente (“vacilou nessa, irmão”, “mandou bem mal, irmão”, “bola fora”). Aliás, na maioria de suas ocorrências, a ironia não é pacificamente aceita. É que ela pode subverter as expectativas do público, questionar discursos e práticas hegemônicas, expor as contradições e ambiguidades das estruturas de poder e narrativas vigentes em uma cultura (Hutcheon, 2000; Cavalcante; Brito; Faria, 2023). É nesse sentido que talvez possamos dizer que a ironia institui um ativismo social, e também por isso ela não pode ser apenas enxergada negativamente, como parece acontecer no senso comum.

O segundo *post* analisado neste artigo foi publicado no dia 02 de Julho de 2024. A publicação foi feita pelo perfil *@williamsirirj*, em colaboração com *@desenhosdonando*. Aquele perfil pertence ao vereador William Siri, da cidade do Rio de Janeiro, do Partido Socialismo e Liberdade (Psol). Um vereador é um agente político que deve se interessar por questões sociais e deve ser um elo entre a população e o poder executivo, discutindo temas relevantes para a cidade, como o transporte público, saneamento e a educação. Nessa direção, o vereador William Siri, especialmente por se vincular a um partido político de esquerda, busca a manutenção dos direitos constitucionais, objetivando garantir igualdade e equidade na comunidade, ao tratar de uma grande problemática relativa aos

transportes públicos. O post que contém uma charge⁴ com a assinatura do chargista Nando Motta, está disposto na figura 2.

Figura 2 - Post 2



Fonte: perfil do Instagram @desenhosdonando.

O post acima tem como tema central a mobilidade urbana e o transporte público da cidade do Rio de Janeiro (RJ), que também pode ser aplicado à realidade de outras metrópoles brasileiras. Essa problemática está associada ao contexto social de muitos trabalhadores em seu cotidiano e permite perceber a abordagem da desigualdade social frente à problemática do trânsito. Ademais, é também possível identificar que o vereador William Siri e o chargista Nando Motta compartilham de um mesmo posicionamento, já que, de forma geral, o perfil @desenhosdonando também se interessa por problemáticas sociais e pela busca de direitos das classes menos favorecidas.

No primeiro plano, percebe-se a construção verbal “O dia tem 24h para todo mundo!”; entretanto, há logo um estranhamento ao se perceber que os elementos visuais apresentados contradizem o enunciado que compõe tal plano.

4 Ainda que o gênero do discurso incida sobre a nossa análise como um elemento importante a ser considerado no funcionamento argumentativo da ironia, não problematizamos aqui a respeito do que alguns autores têm nomeado de intergenericidade (Marcuschi, 2008), fenômeno presente nos textos analisados.

Esses elementos imagéticos constituem como caracterizadores de evidências da ironia no texto, já que os cidadãos se encontram em uma avenida típica de metrópoles, congestionada por transportes públicos, em sua grande maioria. Os elementos verbais também indicam, em um dos transportes, o destino da viagem: o bairro de Campo Grande – considerado como um dos mais populosos da cidade carioca. Já em outro transporte, há a indicação escrita “parador”, que corresponde aos veículos estrategicamente localizados em áreas de grande movimento, ou seja, que fazem paradas recorrentes ao longo do trajeto.

Sem muito esforço, percebemos um teor irônico no texto verbal “O dia tem 24h para todo mundo!”, ao ter sido pronunciado por alguém que se encontra em um helicóptero, meio de transporte exclusivo de uma classe social alta, em função dos custos que o seu uso exige – a ironia parece ser direcionada exatamente a essa classe. Nesse sentido, logo suspendemos o entendimento literal do enunciado através da ênfase promovida pelo sinal de exclamação, além do símbolo do cifrão grafado no helicóptero, estabelecendo assim uma relação paradoxal entre o dito e não dito (Golffman, 2011). L1/E1 finge a assunção do PDV1, o de que o dia tem 24h para todas as pessoas, porém, pelos elementos contextuais, como a construção imagética, a legenda da publicação e os comentários do *post*, identificamos que, na realidade, há um posicionamento irônico revelado: o de que as pessoas que têm acesso a um transporte rápido e eficiente podem usar seu tempo de forma mais produtiva, enquanto aquelas que dependem de sistemas de transporte ineficientes podem durar horas no transporte público, o PDV2 – um PDV coenunciado por @williamsirij e por @desenhosdonando. Dessa forma, estabelecemos um diálogo com Rabatel (2012), quando esse entende que a ironia está diretamente associada ao contexto, sendo necessária para a interpretação e compreensão do verdadeiro PDV (PDV2) do L1/E1.

Ainda no que diz respeito aos elementos contextuais, a legenda é um importante indicador da percepção da ironia no *post*. Escrita pelo vereador William Siri (Psol), a legenda, introduzida por uma pergunta retórica - “Já parou para pensar quanto tempo você perde no transporte público?” – enfatiza o PDV2, que é assumido pelo L1/E1 ao adotar um teor irônico, afirmando que, na realidade, o tempo gasto por um cidadão que depende do transporte público para se deslocar é bem maior do que aquele que não necessita. Tal visão é reforçada quando o representante do legislativo aciona intertextualmente (citação) um argumento de autoridade para dizer que, “segundo dados, o Rio apresenta as piores médias. A cidade aparece em quarto lugar entre as piores do mundo, com média de 67 minutos por viagem”. Nesse enunciado, o locutor da legenda constrói um argu-

mento de autoridade, para validar o seu ponto de vista através do gerenciamento de dados estatísticos que comparam os índices de deslocamento por transporte público do Rio de Janeiro com os de outros países. Ademais, há uma argumentação patêmica na legenda, que apela para as emoções do interlocutor: “cada minuto perdido no transporte público é um minuto a menos com a família, nos estudos ou momentos de lazer”, Essas estratégias culminam em um tom sarcástico do texto verbal utilizado pelo L1/E1 no *post*.

Os comentários na captura de tela da figura 2 apresentam maior aderência ao PDV2, atribuindo uma avaliação positiva à ironia presente na charge e ao texto verbal da legenda: “Podiam diminuir a jornada de trabalho mantendo os salários pelo menos” e “O morador da Zona Oeste leva mais tempo que está média. Trânsito intenso, transporte precário, mobilidade urbana péssima”. Logo, percebemos que os próprios comentários parecem validar o PDV assumido por L1/E1.

Dessa forma, compreendemos que, ao atribuir um teor sarcástico ao enunciado, a ironia pode atuar como um forte recurso de argumentatividade no texto, crucial para direcionar o leitor para o percurso de sentido pretendido pelo locutor. Para ser percebida, é preciso levar em consideração o conhecimento do interlocutor e os elementos contextuais verbais e não verbais que integram o texto, do que decorre o seu caráter de unidade. Além do mais, a maneira como o locutor configura o texto, inserindo em um primeiro plano o PDV1, o PDV falso, para depois fazer aparecer o seu real PDV, o PDV2, é reveladora da postura de sobre-enunciação que ele parece adotar ao hierarquizar esses pontos de vista. Por fim, vimos também que os interlocutores podem, ainda, avaliar a ironia como positiva ou negativa, aderindo ou não ao PDV2, de modo engajado ou não.

Considerações finais

Este artigo não pretendeu uma análise exaustiva sobre o fenômeno da ironia, mas sim assinalar o seu caráter retórico-argumentativo a partir do exame de sua dimensão enunciativa em textos publicados no *Instagram*. Acreditamos que as análises empreendidas em dois *posts* foram suficientes para alcançar nosso intento. Entretanto, alguns obstáculos foram levantados a partir do exame feito, que demandam maior aprofundamento a partir da realização de outros estudos. Particularmente, destacamos algumas dessas questões que nos ocorreram: os textos podem revelar diferentes graus ou tipos de ironia? Em textos com diferentes tipos de ironia, é sempre possível identificar dois pontos de vista conflitantes? Em textos de diferentes graus de ironia, outras posturas enunciativas

podem hierarquizar os pontos de vista neles instaurados? O reconhecimento do PDV2 é crucial para a construção da coerência do texto? Essas questões revelam a complexidade desse fenômeno e serão objetos de reflexão em outros trabalhos.

Referências

- AMOSSY, R. Argumentation et Analyse du discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires. **Argumentation et Analyse du discours**, n. 1, 2008.
- AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Trad. Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- BERRENDONNER, A. Unités syntaxiques & unités prosodiques. **Langue française**, n. 2, p. 81-93, 2011.
- BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora da Unicamp. 2008.
- CABRAL, A. L. T. Contribuições da Teoria da Argumentação na língua para o ensino de leitura. **Linha D'Água**, v. 24, n. 2, p. 29-39, 2011.
- CAVALCANTE, M. M., BRITO, M. A. P.; CUSTODIO FILHO, V.; CORTEZ, S. L.; PINTO, R. B. W. S.; PINHEIRO, C. L. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextos-linguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 02 jun 2025.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Ironia e textualidade. **Revista Linguística**, v. 20, n. 1, p. 164-177, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/63038>. Acesso em: 02 jun 2025.
- CAVALCANTE, M. M., et al. **Linguística textual**: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; FARIA, M. G. Atos languageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual. **Revista da Anpoll**, v. 54, n. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em: https://www.bing.com/search?q=Atos+languageiros+de+ironia+sarcástica%3A+-+considerações+argumentativas+em+linguística+textual.+Revista+da+Anpoll%2C&cvid=61da671001024f0b9922e7c4d3b8ad85&gs_lcrp=EgRIZGdIKgYIABBFGDkyBggAEEUYOdIBCj-M3OTM5M2owajSoAgCwAgA&FORM=ANABO1&PC=U531. Acesso em: 02 jun 2025.
- CAVALCANTE, F. M. L. **Ponto de vista e voz autoral em redações nota mil no Exame Nacional do Ensino Médio**: uma abordagem textual. 2024. 140 f. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Ensino) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 2024. Disponível em: https://sigaa.uern.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=1049¬icia=1088722. Acesso em: 02 jun 2025.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo

so. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRIZE, J. Le point de vue de la logique naturelle: démontrer, prouver, argumenter. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. (Orgs.) **L'argumentation aujourd'hui**: Positions théoriques em confrontation. 1^{ère} éd. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

MACHADO, I. L. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, p. 108–128, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/mYBh6frXWPCZXwKzbtChLYj/>. Acesso em: 02 jun 2025.

MACHADO, I. L. A ironia como fenômeno lingüístico-argumentativo. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 3, n. 2, p. 141–153, 1995.

PADILLA, C.; DOUGLAS, S.; LOPEZ, E. **Yo argumento**: Taller de prácticas de comprensión y producción de textos argumentativos. Córdoba: Comunic-Arte, 2011.

PERELMAN, C.; OLBRECHT-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação [1958]**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RABATEL, A. **Homo Narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. São Paulo: Cortez, 2016.

RABATEL, A. **Homo Narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa (volume 2). Natal, RN: Edufrn, 2021.

RABATEL, A. Ironie et sur-énonciation. **Vox Romanica**, v. 71, p. 42-76, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281956394_ironie_et_sur-enonciation. Acesso em : 02 jun 2025.

RABATEL, A. Schémas, techniques argumentatives de justification et figures de l'auteur (théoricien et/ou vulgarisateur). **Revue d'anthropologie des connaissances**, março, 2010, p. 505-525. (Tradução livre da Profa. Maria das Graças Soares Rodrigues).

RABATEL, A. Postures énonciatives, variable générique et stratégies de positionnement. In: ANGERMULLER, Johannes; PHILIPPE, Gilles. **Analyse du discours et dispositifs d'énonciation**: autour des travaux de Dominique Maingueneau. Limoges: Lambert-Lucas, 2015, p. 125-135.

SILVA, A. A.; BRITO, M. A. P. Referenciação e valores em textos polêmicos. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. 1, p. 38–60, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/363021354_Referenciacao_e_valores_em_textos_polemicos. Acesso em: 02 jun 2025.

SILVA, A. A.; FARIA, M. G. S.; BRITO, M. A. P. A complexidade textual na dinâmica argumentativa. **Revista Investigações**, v. 33, N^o especial, Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de Linguística Textual, p. 27 - 44, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index>. Acesso em: 02 jun 2025.

Sobre os autores e autora

Ananias Agostinho da Silva - Doutor em Estudos da Linguagem. Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH), Caraúbas/RN. E-mail: ananias.silva@ufersa.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6624168203166513>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-5442-5133>.

Francisco Mailson de Lima Cavalcante - Mestre em Ensino. Caraúbas/RN. E-mail: ma_lima23@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2605629552326616>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-2131-7958>.

Maria Alice Almeida Sales do Nascimento - Mestra em Ensino. Caraúbas/RN. E-mail: alicesales.nascimento@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8650937834014086>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-9571-6623>.